

Coluna do Castelo

Em busca do novo, do contra e do eficaz

O presidente José Sarney, segundo dizem seus assessores, alistou-se entre os que deixaram de acreditar na praticabilidade da candidatura de Jânio Quadros a presidente da República. As razões da crença (ou da descrença) são as mesmas que correm na praça: o ex-presidente, demorando-se além da conta no exterior, perdeu a hora de entrar validamente na disputa. Aceita assim o Palácio do Planalto a tese de que não só estará fora da sucessão como terá de assistir a uma campanha basicamente voltada contra o governo. O único candidato complacente com Sarney, no momento, é Aureliano Chaves, em torno de quem se reagrupam os políticos do PFL que, estimando inviável eleitoralmente a candidatura partidária, estimulavam o candidato Jânio Quadros. Antônio Carlos Magalhães é o símbolo dos que, investidos de uma parcela de poder no momento atual, apegam-se à sua própria legenda por não verem alternativa numa disputa em que, de um lado estarão três ou quatro candidatos de esquerda, todos hostis ao governo, e de outro lado, o centro e a direita se agrupam nas pegadas de Fernando Collor de Mello, que tem na rejeição ao presidente um dos componentes do seu prestígio popular.



Também os moderados do PMDB estão sem rumo e se dividem entre os que tendem a refluir ao seio do partido e os que, isoladamente, irão tomando o rumo que pareça mais útil aos seus projetos pessoais. Muitos irão para Collor, alguns para Aureliano, mas sobrarão gente também para Brizola e até para o senador Mário Covas. Jânio, pelo menos no momento, deixou de ser uma referência para os que procuram compor um núcleo de resistência à ascensão de novidades na faixa do poder nacional. Ora, o eleitorado parece inclinado precisamente a buscar o novo, o diferente e o que represente o contra tudo isso que aí está. Seria esse um dos motivos, além da circunstância de ter encontrado ao centro um terreno baldio, que explicariam a prevalência de Collor sobre Jânio pelo menos nesta fase inaugural da campanha.

O PMDB, consciente de ser a maior organização partidária do país e detentora de extensa faixa de poder nos estados e municípios e até mesmo na administração federal que não chegou a desocupar, continua a crer que a mobilização das suas bases e a crescente identificação dos seus candidatos com idéias e interesses dos correligionários terminarão por levar ao segundo turno o deputado Ulysses Guimarães. Não pode ser outro o seu papel, embora se acentuem as indicações de que o eleitorado se considerou quites com esse partido desde a eleição de 1986, quando elegeu 22 dos seus 23 candidatos a governador e lotou Câmara e Senado de maciça maioria pemedebista. Já em 1988, sinalizou-se a busca do novo e do contra, já não expressos pelo PMDB. O novo então eram Erundina, Olívio Dutra, Bittar, Vicente Guimarães, à esquerda, e Joaquim Francisco, à direita. Os outros vitoriosos o foram por descuido ou por não haver tempo suficiente para que lhes fosse imposta a derrota corretiva.

Ficou depois do pleito municipal a impressão de uma marcha inelutável para a esquerda, a qual se refletia nos índices de Lula e Brizola nas pesquisas de opinião. Isso ficou como verdade até que os boletins do Ibope passassem a assinalar a ascensão de Collor de Mello, ocupando rapidamente espaços que a esquerda já imaginava como dela. Ora, o eleitorado parece indiferente a ideologias e a partidos. Quer-se apenas o novo, insistimos, e o contra. Contra tudo, inclusive partidos e políticos que, tendo arrebatado dos militares o controle do país, não se mostraram competentes para conduzi-lo. A culpa da situação atual do Brasil pode ser de uma conjuntura da economia do mundo e do continente, mas internamente o ônus do malogro vem sendo atribuído a Sarney. Ora, a reação do eleitorado, juntando o PMDB e o PFL a Sarney, indica claramente que esses partidos têm tremenda parcela de responsabilidade no descalabro administrativo do país.

Dai, as evoluções à esquerda. Dai, as evoluções a que assistimos ao centro e à direita. O povo não quer seitas. Quer governo. Quer eficiência. Quem tocar sua esperança e alcançar sua confiança irá ao segundo turno ou irá direto ao Palácio do Planalto, deixando de lado os figurantes dessa farsa política mal encenada no Congresso e nos partidos.